

A LINHAGEM NYINGMA

Alguns elementos da filosofia e da prática budistas parecem ter alcançado o remoto Tibete já no século V. No entanto, o maior advento do Budismo ocorreria no século VIII, quando o rei Trisong Detsen (n.742) convidou o abade indiano Shantarakshita para ir ao Tibete, e, logo depois, o incomparável mestre tântrico Padmasambhava.

Como registrado no Sutra do Nirvana Final, e em outras profecias, o Buda Shakyamuni afirmou, pouco antes de entrar no Nirvana, que, como tinha nascido como ser humano nesta vida, não tinha ensinado extensivamente os ensinamentos esotéricos dos tantras. Ele previu que voltaria a esse mundo depois de doze anos, através de um nascimento miraculoso, de maneira a expor os ensinamentos tântricos. Esse renascimento foi Guru Padmasambhava, que emanou do coração do Buda Amithaba e apareceu milagrosamente na forma de uma criança de oito anos, sentada sobre uma flor de lótus, no Lago Danakosha, em Uddyiana.

Proclamado seu herdeiro pelo rei Indrabodhi, o Nascido do Lótus compreendeu que, ao governar o reino de Uddyiana, não seria capaz de beneficiar os seres. Então decidiu realizar alguns atos afrontosos, de modo a reduzir o apego que o rei e seus ministros sentiam por ele, e, assim, acabou sendo sentenciado ao exílio. Foi então até os oito grandes cemitérios (depósitos de corpos) da Índia, onde entregou-se à práticas de yoga. Sabendo que, para poder beneficiar as pessoas comuns, teria que agir segundo a norma de seguir os passos habituais do caminho espiritual, através do estudo e da prática, recebeu iniciações da Dakini Lekyi Wangmo e seguiu para encontrar-se com os Oito Detentores da Realização, ou Vidhyadharas, dos quais recebeu a transmissão dos Oito Herukas e da Grande Perfeição.

A seguir, converteu o reino de Zahor, tomou a princesa Mandarava como sua consorte espiritual e alcançou a vida eterna na Caverna de Maratika. Depois de ter convertido o reino de Uddyiana e derrotado os professores heréticos em Vajrasana, na Índia, alcançou a realização suprema na Caverna de Asura, no Nepal. No caminho para o Tibete, subjugou todos os espíritos malignos e os prendeu por juramento, para que protegessem os ensinamentos budistas. Dentro de um período de cinco anos a partir da chegada de Padmasambhava ao Tibete, a construção do Templo Espontaneamente Manifestado de Samye foi terminada.

AS TERMAS OU "TESOUROS ESPIRITUAIS"

Na caverna de Chimphu (Tinfu), Padmasambhava iniciou oito discípulos, liderados pelo Rei Trisong Detsen, na mandala dos budas pacíficos e irados, e concedeu a estes discípulos os ensinamentos completos dos vários estágios do caminho Vajrayana. A maior parte dos seus ensinamentos foi registrada por escrito tanto por Yeshe Tsogyal quanto por ele mesmo, e escondida de forma milagrosa, como numerosos "tesouros espirituais" (gter ma), em diversos lugares – no interior de templos, em imagens sagradas, pedras, lagos e até mesmo no céu. Confiou cada um desses ensinamentos a um discípulo em particular e profetizou que os mesmos

renasceriam no futuro como tertöns, ou descobridores de tesouros, e que retirariam os ensinamentos de seus esconderijos de modo a beneficiar os seres daquela época em particular. Quando chega o momento apropriado, um tertön experimenta visões ou sinais que indicam como e onde descobrir o tesouro ou terma e ele ou ela destinado. As termas estão geralmente escritas na linguagem simbólica das Dakinis, e, ao lê-las, o tertön torna-se capaz de escrever um volume inteiro de ensinamentos. No caso dos assim chamados “tesouros da mente”, os ensinamentos não são fisicamente descobertos, mas manifestam-se na mente do tertön. Ao logo dos séculos, apenas algumas centenas de mestres tertön surgiram. Até mesmo em tempos recentes, ensinamentos preciosos e secretos de Padmasambhava continuaram a ser revelados por grandes mestres, como Dudjom Rinpoche e o próprio Dilgo Khyentse Rinpoche. Este modo de transmissão, às vezes chamado de linhagem “curta”, complementa a linhagem “longa” das escrituras canônicas (bka ‘ma) , as quais foram transmitidas, sem interrupção, de mestre para discípulo, desde o primeiro Buddha, Samantabhadra, passando por Guru Padmasambhava, Vimalamitra e outros grandes Detentores da Sabedoria. Numa terceira vertente de transmissão, as visões puras (dag snang), Guru Padmasambhava aparece realmente para o tertön e fala diretamente com ele. Sob a orientação de Guru Pamasambhava, mais de uma centena de eruditos panditas indianos e um número equivalente de tradutores tibetanos, ou lotsawas, verteram para a língua tibetana todo o Cânone Budista e a maioria dos comentários indianos. Este período é conhecido como o da Tradução Inicial, Ngagyur (snga ‘gyur). Os detentores da vasta e rica tradição espiritual que floresceu no seu rastro são conhecidos como os Antigos, ou Nyingma (rnying ma).

Embora a tradição monástica tenha sido quase erradicada durante a perseguição promovida pelo Rei Langdarma, a tradição Nyingma sobreviveu através de linhagens de iogues altamente realizados. No final do século X, numa época em que o budismo estava desaparecendo na Índia, iniciou-se uma segunda onda de traduções, liderada pelo grande tradutor Rinchen Sangpo (957-1055). As várias linhagens que surgiram daí pertencem ao período da Nova Tradução (gsar ma). Estas incluem as tradições do Kadam (e seu desenvolvimento posterior, o Geluk), Sakya, Kagyu, Shangpa Kagyu, Chöd e Shije, Kalachakra e Ugyen Nyendrub. Estas tradições, antigas e novas, são com frequência chamadas de Oito Carruagens da Realização Espiritual (sgurb brgud shing rta orgyad).

A linhagem de Guru Padmasambhava detém uma tradição completa, tanto do sutra, quanto do tantra, organizada em nove veículos que incorporam todos os aspectos da teoria e da prática budista. Embora todos os ensinamentos e caminhos tenham o mesmo objetivo, existem tantos caminhos e veículos para se atingir o Estado Búdico quantas são as diferentes natureza e capacidades dos seres sencientes. É por essa razão que o Buda, e todos os mestres realizados que o seguiram, ensinaram uma variedade de métodos que se adequassem a necessidades variadas. O Sutra Lankavatara afirma:

Enquanto houver mentes deludidas,

Não haverá limite para o número de veículos.
Uma vez que a delusão chegue ao fim,
Não haverá nem veículos, nem seres sencientes.

A tradição Nyingma distingue nove veículos principais (ou yanas) para a realização. Estes não representam abordagens separadas ou fundamentalmente diferentes: cada uma delas é um passo na direção da outra, a qual, naturalmente, inclui as antecedentes. Assim como todos os rios fundem-se num só oceano, e como todos os caminhos da montanha levam a um único pico, todos os veículos fundem-se absolutamente em um só, ao culminarem no Estado Búdico, o Coração Vajra Radiante (od gsal rdo rje snying po) da Grande Perfeição (rdzogs chen). Esses nove veículos podem ser condensados em três: o Hinayana, o Mahayana e o Vajrayana.

O caminho Hinayana baseia-se na renúncia. Sua prática é motivada pela aspiração de liberar a si mesmo. Quando considerado individualmente, pode ser chamado de “Veículo Menor”; quando integrado ao caminho completo dos três veículos, é considerado como o “Veículo Básico”.

O praticante Mahayana é motivado pela intenção altruísta de liberar os outros do sofrimento e levá-los ao Estado Búdico. O Mahayana, ou Grande Veículo, ultrapassa o Hinayana em muitos aspectos essenciais. Um Bodhisattva reconhece a ausência de existência verdadeira tanto dos fenômenos individuais quanto de todos os fenômenos. Assim, ele encara todas as coisas como sendo um sonho ou uma ilusão. No entanto, sua compreensão da verdade absoluta não o leva a ignorar a verdade relativa: com bondade amorosa e compaixão, ele mantém suas ações em perfeito acordo com a lei cármica de causa e efeito. Tendo feito o voto de alcançar a iluminação pelo bem de todos os seres, ele desenvolve compaixão ilimitada por todos os seres que estão sofrendo e trabalha incansavelmente para beneficiá-los. Mas a sua compaixão é inseparável da sabedoria. Ao realizar a natureza última, que é livre de apego, ele descansa na grande igualdade da verdade absoluta não-dual.

O caminho Vajrayana é baseado na “percepção pura” e é motivado pela aspiração de rapidamente liberar a si mesmo e a todos os seres da delusão, através da prática de meios hábeis. O Mahayana considera predominantemente que a natureza búdica está presente em todos os seres sencientes como uma semente, ou potencialidade. O Vajrayana considera que essa natureza está plenamente presente como sabedoria ou percepção pura, o aspecto fundamental e não-deludido da natureza da mente. Desta maneira, enquanto os veículos anteriores são conhecidos como “Veículos Causais”, o Vajrayana é conhecido como “Veículo Resultante”. Como foi dito, “Nos veículos causais” reconhecemos a natureza da mente como a causa do Estado Búdico; no veículo resultante consideramos a natureza da mente como o Estado Búdico em si mesmo”. Já que o “resultado” do caminho, o Estado Búdico, está primordialmente presente, precisamos apenas atualizá-lo, ou desvelá-lo. O portão de entrada para o Vajrayana é a iniciação, ou abisheka, a qual é concedida pelo mestre espiritual. Ela nos dá o poder de praticar os ensinamentos do Vajrayana e, assim, de alcançar realizações espirituais ordinárias e supremas.

As linhagens de Guru Padmasambhava foram perpetuadas por seus vinte e cinco discípulos principais, suas cinco consortes espirituais, os oitenta siddhas de Yerpa, os cento e oito grandes meditadores de Chuwori, os trinta mantrikas de Yangzom, os cinquenta e cinco togdens ou seres realizados de Sheldrak, as vinte e cinco dakinis, as sete yoginis, e inúmeros outros discípulos. Deles emergiram muitas ramificações espirituais importantes, como as iniciadas por Sopo Palkyi Yeshe, Zur Sakya Jungney, Nub Sangye Yeshe, e Nyak Jnana Kumara. Ao longo dos séculos, muitos grandes luminares como Ronzom Mahapandita, Gyalwa Longchen Rabjam, Minling Terchen, Minling Lochen, e Lama Mipham apareceram e elucidaram os aspectos mais profundos da filosofia e da prática budista. Uma centena de tertöns maiores e cerca de mil tertöns menores, tais como os cinco tertöns reais e os onze lingpas, revelaram e transmitiram ensinamentos dos mais profundos e apropriados para a sua época.

Jamyang Khyentse Wangpo (1820-1892) é considerado o “selo” de todos os tertöns. Em uma de suas visões, ele pôde ver claramente todas as termas que estavam escondidas por todo o Tibete e em outros países. Ele foi o único mestre, em toda a história do Tibete, a ter não somente recebido, como também transmitido as “sete transmissões” (bka’babs bdun), que são: os ensinamentos canônicos, os tesouros desenterrados, os tesouros reescondidos, os tesouros da mente, as lembranças, as visões puras e as transmissões orais recebidas durante as visões. Ao lado de Jamgön Kongtrul Lodrö Thaye (1813-1899), Patrul Rinpoche (1808-1887) e Lama Mipham (1846-1912), Khyentse Wangpo foi a principal inspiração do movimento não-sectário que floresceu no século XIX. Passou treze anos viajando, incansavelmente, por todo o Tibete, para receber centenas de tradições e linhagens de prática budista, muitas das quais estavam à beira da extinção. Viajava modestamente, a pé e com um saco de viagem às costas, tendo gasto em seu percurso, segundo dizem, três pares de botas. Depois de ter reunido esses importantes ensinamentos, Jamyang Khyentse Wangpo, juntamente com Jamgön Kongtrul, editou, organizou e publicou os mesmos numa série de grandes coleções. Assim, estes grandes professores protegeram do declínio a herança do budismo tibetano, e restauraram sua vitalidade. Passaram às gerações futuras transmissões vivas desta tradição, sem as quais os textos teriam retido apenas um valor simbólico. Com a idade de quarenta anos, Jamyang Khyentse Wangpo entrou em retiro pelo resto da vida, sem nunca sair de sua ermida até a morte, aos setenta e três anos.